

MUITO BRASIL E POUCA EDUCAÇÃO

Cláudio de Moura Castro

Num mundo ideal escolhemos um título, e o título diz tudo até o ponto em que não precisamos dizer mais nada. Acho que esse título chega muito próximo disso. Esse é o tema: muito Brasil e pouca educação. O problema não é o de não se ter educação. O problema é que o país é muito grande, as necessidades de educação são enormes, e a nossa educação é muito fraca, pequena. A primeira proposição, não podia ser mais simples e mais direta, é a de que hoje estamos bloqueados pela insuficiência da nossa educação, nada mais simples e mais pungente no nosso mundo.

O quê sabemos sobre este assunto? A primeira coisa, talvez seja, é que até uns vinte anos atrás todos os países que cresciam eram países que tinham uma educação boa, que haviam tido uma grande dedicação à causa da educação. Mas um escapulia do outro. Com as mudanças tecnológicas acabaram-se as exceções. Ou seja, na assombrosa velocidade em que ela anda, do jeito que nos exige um domínio simbólico, cognitivo, para operá-la mesmo nas ocupações mais simples, ficou difícil fazer aquilo que outrora já fora feito no Brasil. Crescer muito com pouca educação.

Todos os países que hoje possuem um crescimento excepcional são também países excepcionais em educação. Temos o costume de falar do sudeste asiático, da China, do Chile e, antes deles, do Japão, Alemanha, Estados Unidos etc. Os exemplos são bem conhecidos. E existe um colosso de pesquisa, onde sequer se faria necessário ou caberia citar

números, dados e correlações múltiplas; as quais confirmam uma idéia muito simples de associação muito forte entre investir em educação e obter resultados econômicos do outro lado.

É claro que isso precisa ser entendido com certo cuidado. O fato é que investir em educação não garante o crescimento. A economia pode azedar, a política pode azedar, como ocorreu na Argentina, ou na ex-União Soviética. A educação seguramente era boa, mas os rumos desses países sofreram sérias alterações políticas e econômicas. A educação nesses casos também azedou, deixou de andar. Por outro lado, é mais do que claro o fato de que sem educação não se anda. Essa notícia é extremamente ruim para o Brasil, esse conjunto de notícias, dado por intermédio da observação cotidiana dos países que estão se dando bem. E pelo que nos diz a pesquisa, a educação no Brasil é péssima. Agora, é preciso entender essa educação no seu próprio contexto.

Historicamente, até 1950 o Brasil era um dos países mais atrasados da América Latina. E em muitos indicadores o Brasil segue atrás da Bolívia e do Paraguai, por incrível que pareça.

Mas o gigante lá pelas tantas começou a se mover, ainda nos anos 50. E aos borbotões, em plena correria, conseguiu fazer o que os outros países levaram séculos para realizar. Entretanto, nesse processo emergencial, levantando e caindo, tropeçando, não teve como ficar isento de fazer algumas besteiras. O que temos hoje não é um quadro de mediocridade, mas uma espécie de mediocridade atrapalhada. O país quer crescer rápido e, por conta disso, paga o preço de errar, especialmente onde não devia. Um

dado curioso, em 1612 no ducado de Weimar, na Alemanha, uma lei passou a vigorar, e, diferentemente das nossas, ela era seguida e respeitada. A lei dizia o seguinte: todos deveriam ir para escola, dos seis aos doze anos, e que aquele que não tivesse o diploma de primário teria o seu direito de trabalhar sonogado, em qualquer espécie de profissão. Nem mesmo como empregado doméstico poderia ganhar o seu pão de cada dia.

Contrastando esse aspecto, herdamos de Portugal tudo aquilo que Portugal tinha em matéria de educação: quase nada. Portugal nos legou muita coisa boa, mas do ponto de vista da educação, Portugal deu ao Brasil aquilo que ele tinha, uma educação extraordinariamente fragilizada. Em 1900 a taxa de analfabetismo de Portugal era muito parecida com a nossa. E ainda hoje continua sendo. Acostumamos-nos a ler nos livros de história narrativas sobre os Jesuítas salvando a educação no Brasil. Ocorre que, justamente nesse ponto, eles foram destituídos dessa missão. Pombal tratou de enxotar quase todos e as escolas jesuítas deixaram de existir. O que eram as escolas jesuítas, na particularidade de matrículas da sociedade brasileira? Um décimo de 1% de alunos matriculados. Hoje nós temos um terço da população matriculada em escolas.

Por conta disso, é possível enxergar o enorme atraso da educação em meados do século XVIII. A nossa educação era tão elitista que as escolas de segundo grau aparecem antes das escolas de primeiro grau. A burguesia dava conta de ensinar os meninos a ler, com preceptores, e no segundo grau já não era mais possível fazê-lo, então uma escola era aberta. O pobre não gozava de uma regalia dessa natureza, estava entregue ao esquecimento, sem a remota possibilidade de chegar no segundo grau porque o primeiro não existia.

Em se tratando do Rio Grande do Sul, o primeiro grande sistema de educação acontece no eixo de Santa Catarina, parte do Paraná e também no solo gaúcho, com o sistema luterano de educação. Ele constitui um dos experimentos, talvez, mais bem sucedidos no país, que precede as escolas públicas. Absolutamente merecedor de estudo. Algo que aliás estou fazendo, mediante uma fortuna literária bem constituída. Mas retomando o foco de discussão, o atraso na educação, nunca é demais lembrar, o seu estado crônico, vem de longuíssima data. Estamos falando de quatro séculos, ou quatro séculos e meio de inação. O problema do Brasil não é o que nós fizemos hoje ou deixamos de fazer hoje, é o que nós deixamos de fazer durante quatrocentos anos. Um acúmulo de retrocidade. Machado de Assis tem uma observação curiosa, mencionando que mesmo as elites tinham uma educação muito ruim. O que se chamava educação das elites era uma educação extremamente frágil, com professores pessimamente preparados, e aqueles poucos que tinham a chance de sair do país rumavam para a universidade de Coimbra. Uma universidade que só instituiu ciência com a reforma de Pombal em 1750, e assim mesmo não foi lá essas coisas. O nosso território, por sua vez, passa a ter um sistema educativo de fato, bem adiante, só lá na segunda metade do século XIX, com a escola pública, antes não havia nem mesmo o cheiro de que ela pudesse existir. E com Sarmiento e Varela, os vizinhos do Sul, se começava a criar um grande sistema educacional, um século antes do Brasil. É interessantíssimo ver como, rapidamente, nos últimos 20 anos as estatísticas brasileiras se aproximaram das estatísticas do Uruguai e da Argentina. Aproximaram, mas não chegaram lá e, sobretudo, permaneceram ainda mais distantes na qualidade. Um século inteirinho de atraso com relação aos nossos vizinhos. Entra uma outra tese da qual

gosto muito porque está na contramão do pensamento convencional: o século XX é o século maltratado pelos historiadores, é o século mais injustiçado de todos. Todos pensam no século XX como o século dos generais, entra um general, sai outro, existem os partidários dos quartéis, a revolução de 20, de 22, de 25, de 30, de 32 de 38, o Estado Novo, entra milico, sai milico, e todo mundo tem diante dos olhos um Brasil cinza, opaco, sem brilho. Em contrapartida, o século XX é o mais brilhante da história do Brasil. É o século em que o país sai da vala comum da América Latina e põem um pezinho no outro lado. Não foram os dois, mas pelo menos um foi colocado. Ou seja, estamos no meio do caminho.

O Brasil hoje é um país de transição, largou o buraco em que estava e parece estar fazendo força para chegar ao outro lado. Fatos inteiramente ocorridos no Séc. XX. A economia cresceu, a educação também, e elas se tornaram mais aceleradas na segunda metade do século. E quando nós falamos de atraso na educação e na economia, é o atraso que vem antes desse período. A educação, aparentemente, parece ter sido largada de mão nesse processo, mas na verdade não foi tanto a educação que ficou para trás, foi a economia que cresceu depressa demais. Para usar uma metáfora, não muito séria, a educação brasileira cresceu como uma lebre e a economia embarcou num Fórmula 1. Quer dizer, o descompasso aumentou ao longo do tempo graças a uma velocidade extraordinária. Observemos o seguinte dado: entre 1870 e 1987 o PIB brasileiro multiplicou por 157 vezes, o japonês por 87 e o americano por 53, ou seja, durante um século foi o país de maior crescimento no mundo. Isso não é pouca coisa. Em 1900 a renda per capita do Brasil era menor do que a do Peru, e a da Argentina era 4,7 vezes maior do que a nossa; hoje ela é quase igual. Resultado: a educação não deu conta de acompanhar os passos velozes da economia. De repente, o gigante acorda!

Exatamente, como já fora mencionado, na segunda metade do século XX. A primeira coisa que ele faz é criar um sistema de formação profissional de primeiro mundo, e que, diga-se, possui até hoje. A segunda coisa que o país fez foi criar uma rede de universidades federais, com ênfase na pesquisa e na pós-graduação, antes mesmo de botar a meninada toda na escola. Uma distorção completa, mas um grande sucesso nesta empreitada. E aí chegaremos numa situação bastante peculiar: nós temos formação profissional de primeiro mundo, nós temos pesquisa de primeiro mundo, e temos uma educação básica de terceiro mundo. Essa equação não pôde e jamais poderá dar certo. Então redirecionamos o foco. Vamos falar de ciência pois este é o setor em que o Brasil mais avançou. Possuímos agências como CAPES, CNPQ, FINEPE, FAPERG, FAPESP etc., que são modelares, que são padrões de primeiro mundo. Não tenho a menor dúvida de que uma agência como a FAPESP é de padrão europeu e norte-americano. Nós temos um sistema de pós-graduação em bolsa que é operado como um sistema de primeiro mundo, e de primeiro mundo êxito. Somos o 17º produtor de ciência no mundo. A cada dois anos o Brasil passa na frente de um país em produção científica tabulada pelo ISI.

Há um resultado muito curioso, a participação do Brasil exportando pesquisa é maior do que a sua participação exportando produtos. Produtos estão por volta de 1%, a pesquisa está na faixa de 2,5%. É um fato bastante peculiar, a pesquisa se institucionalizou. O Brasil é um país que produz regularmente pesquisa científica e, por outro lado, não consegue arrumar sua educação básica. Há um enguiço clássico que é a transição da ciência para a tecnologia. É sempre mais difícil. Mesmo países como a Inglaterra sempre tiveram dificuldades para transformar ciência em tecnologia. A ciência é curiosidade, o cientista é levado a pesquisar um assunto porque há curiosidade. É da

natureza da ciência. Agora, quanto a tecnologia, ela é um ramo do comércio. Tecnologia é vender um serviço, e para vender um serviço é preciso que alguém queira comprá-lo. Para isso é preciso convencer o comprador em potencial, é preciso produzir na hora e no prazo certos, de acordo com a especificação dada. Este aprendizado anda na contramão da tradição científica. A lógica da ciência atrapalha a lógica da produção científica. Os orientais fizeram o *ter antes de ser*, e com isso ficamos chorando sobre o leite derramado. Entramos por este caminho e ele não oferece mais volta. Nós temos tecnologia em algumas áreas sempre lembradas, como na aeronáutica, na agricultura, genoma, petróleo etc. E dá impressão de que estamos restritos a essas áreas, só que não estamos. Eis um exercício simples, pegando produtos mais fortes na pauta de exportação do Brasil elaboramos a seguinte pergunta: quantos não poderiam ser exportados, ou não poderiam ser exportados no mesmo nível da pesquisa brasileira incorporada a eles, ou ainda no processo produtivo? A resposta é que dez dos doze produtos mais fortes da nossa pauta de exportação contém tecnologia brasileira, é curioso, é anti-intuitivo e mostra que esse pessimismo que temos com relação à ciência não se justifica. Voltamos à educação.

No período do Brasil grande, o atraso educacional dava para tolerar, o grande dinamismo estava em empresas grandes, que tinham tecnologias que podiam ser multiplicadas por muitas vezes, uma direção mais centralizada onde uns dos poucos educados davam conta de ter uma empresa produtiva. Não eram produtos simples, não era baixa tecnologia, não é uma olaria fazendo tijolos, mas algo mais complexo que incluía automóveis, máquinas e ferramentas. Mas isso demandava pouca mão-de-obra qualificada, ou era possível de se fazer com uma mão-de-obra mais ou menos qualificada. A tecnologia fixa perde

espaço, as empresas grandes passam a demandar muito mais educação porque os processos são mais complexos, mais variáveis, mudam com um ritmo mais acelerado. Os produtos mudam mais, os processos mudam também, os modelos gerenciais levam o caráter decisório até a base da pirâmide dentro da fábrica. As comunicações são muito mais frequentes em todos os níveis, e a comunicação eletrônica se torna predominante.

Um exemplo de cunho pessoal. Certa vez retornei ao IPEA, onde trabalhei. Na minha época era preciso que o porteiro identificasse a pessoa pelo aspecto físico, pela impressão causada por sua vestimenta, aparência, para que essa pessoa pudesse ser conduzida até o elevador executivo, caso contrário, caso a pessoa não apresentasse um típico físico padrão, um ar de confiabilidade baseado na imaginação, uma apresentação distinta, num processo seletivo totalmente efêmero, então o cidadão era gentilmente convidado a ocupar o elevador comum. Hoje o porteiro precisa tirar a impressão digital da pessoa que comparece ao local, e a pessoa, por sua vez, tem de passar por uma forma de identificação rigorosa, preenchendo ficha, deixando-se fotografar, e o porteiro, para atender essas necessidades da nova função, não pode mais ser uma pessoa sem qualificação adequada para lidar com a tecnologia que envolve esse processo identificatório. Até mesmo processos absolutamente subalternos, na ordem geral das coisas, exigem um grau de educação. Qualidade total. Antes, quando comprávamos uma máquina, estávamos comprando uma máquina inteira, hoje compramos uma que possui controle numérico, e a inteligência do programa ficou na cabeça do programador que está lá dentro na fábrica e não na casa do consumidor.

Vivemos num país cuja maioria dos trabalhadores sabe usar as mãos e a minoria a cabeça. Esse é o grande

problema. Não temos mais, para usar um termo de economista, as economias de escala que tínhamos na empresa grande, pois são milhões de empresas precisando do perfil de uma mão-de-obra mais qualificada. É preciso mais polivalência, o indivíduo precisa cada vez mais estar apto a realizar tarefas diferentes, sobretudo na empresa pequena. Isso exige mais educação, ensinar e aprender mais rápido. A grande marca da educação é aumentar a velocidade de aprendizado. Mas ela também é um cobertor curto. Ao passo que um contingente de pessoas cada vez maior precisa de educação, cada vez mais ela é menor. Uma série de pequenos exemplos é capaz de ilustrar a variabilidade das situações. O pedreiro faz uma massa brilhante, plana, perfeita, mas desconhece o número de tijolos necessários para o uso dessa massa. O eletricitista desconhece quantos metros de fios ou qual a bitola ou amperagem necessárias para a execução plena de seu serviço. O mesmo ocorre com o pintor, que, embora tendo o pulso firme e o talento para desenhar e seguir uma margem perfeita dobrando o punho e o pincel na parede, não sabe quantas latas de tinta em exatidão ele vai precisar para pintá-la. Quantas reformas em nossas casas não saíram a contento, ou foram mal feitas porque o pedreiro não soube ler a planta? Quantos capatazes em fazendas erraram na dosagem, na administração de remédios em cabeças de gado que acabaram morrendo? Que tipo de eletrodo devo usar, como faço para calcular o consumo de energia ou a quantidade de BTUs de um aparelho de ar-condicionado que seja capaz de climatizar a minha sala de estar inteira, absolutamente de acordo com o espaço do ambiente? Como decodifico as informações de manuais de instalação ou de aparelhos eletrônicos, como faço um orçamento doméstico ou preencho um boletim de ocorrência? Investimos demais nos níveis superiores e deixamos os níveis básicos para trás. O fundamental foi esquecido,

ficou anêmico, completamente perdido. Obviamente o superior acabou enguiçando também pois ficou sem matéria prima para ser abastecido.

O ensino superior passou quase vinte anos travado, só na década de noventa que consegue consertar a pirâmide. Finalmente o ensino básico cresce. A década de noventa é a década mais brilhante. Nós temos a universalização do acesso, praticamente todo mundo está na escola, a graduação no fundamental cresce muito e triplica o secundário ou o médio e, provavelmente, é a taxa de crescimento mas rápida do ensino médio neste período. O ensino superior sai de cinco anos de hibernação, tem matéria prima, quantidade e deixa de ser um problema. Um feito extraordinário que não podemos subestimar. A qualidade não caiu, contrariando todas as expectativas, o SAEB disse que não caiu e o SAEB nesse caso é aprova de bala do ponto de vista metodológico. Ou seja, o grande sucesso do nosso ensino foi conseguir uma expansão tão grande sem perda de qualidade. A melhoria nas escolas compensou o fato de que começamos a rapar o fundo do tacho da sociedade, que no geral é mais difícil de educar. Acontece que essa qualidade que não baixou é mesmo assim totalmente insatisfatória, e esse é o ponto de partida do que faremos no futuro. O gigante tropeçou de novo. O mensageiro da notícia ruim é o PISA, o Brasil tirou o último lugar num teste de rendimento escolar, onde entram trinta e muitos países. Claro, grande parte deles da Europa e do mundo desenvolvido, mas o México estava lá, e o México jantou o Brasil. Os brasileiros até mesmo possuem uma idéia daquilo que está escrito no papel, mas não conseguiram aterrissar e entender. Segundo o SAEB, metade dos alunos chegaram a 4º série sem saber ler corretamente, não estando alfabetizados. O INAF diz que $\frac{3}{4}$ da população adulta é tecnicamente analfabeta funcional, em outras palavras, as notícias são as piores possíveis. Último lugar no Pisa. A

parcela rica da sociedade não consegue entender o Pisa. Os resultados dos ricos no Pisa são os mais surpreendentes de todos. Como é possível que a nossa elite não entenda o que está escrito? Os filhos de operários europeus entendem mais o que está escrito no papel do que as nossas elites. Resumindo o fio da história na educação do nosso país, num mero gráfico de palavras: tínhamos uma educação muito ruim até 1960, aí o superior cresce e o básico fica atrofiado, o superior trava também, o básico cresce, universaliza, o superior volta a crescer, torna o futuro uma incógnita indesmentível.

O desafio hoje se chama qualidade. A opinião pública é elitista, não se dá conta, a imprensa é bastante amadora e reporta muito mal as questões da educação. O jornal Estado de São Paulo noticia que o Enem é difícil. Ora, dizer que o Enem é difícil, é o mesmo que dizer como as regras do futebol são difíceis, não interessa saber se as regras são difíceis, o que interessa é saber se o outro time é melhor ou pior. O Enem é difícil, ou os outros é que são melhores ou piores? Oitenta por cento das notícias da imprensa vem do MEC, se o MEC não entendeu absolutamente nada, então as notícias chegam desencontradas. A burocracia que lida com o ensino básico no MEC é muito frágil, e não há uma política clara. Diante disso, somos obrigados a concluir: o enguiço do nosso ensino foi parar dentro sala de aula; nós consertamos o sistema. Antes não havia escola, o problema era a falta de vagas. Depois construímos a escola, mas não tínhamos livros, não tínhamos professores, não tínhamos giz, não tínhamos quadro negro, não tínhamos eletricidade, não tínhamos banheiros. Agora temos tudo, em quase todos os lugares. O problema é: temos tudo e a educação segue ruim. Então para melhorar esta educação não significa que tenhamos que incrementar ainda mais as escolas, implantarmos mais e mais equipamentos e subsídios

físicos, mas é preciso entrar na sala de aula e melhorar o processo educativo, essa é a nossa única prioridade. Nós pagamos duas vezes e não educamos nenhuma, como o ensino é ruim os alunos repetem, como os alunos repetem, gastamos mais dinheiro, e gastar mais dinheiro é uma atividade para seguir travando o processo de fazer com que esse dinheiro retorne aos cofres do país, fazendo-o crescer e se desenvolver numa roda que gire para frente ao invés de andar para trás. Assim, inevitavelmente, pagamos duas vezes pela mesma educação. Se nós reduzíssemos a educação sem piorar a qualidade, nós poderíamos aumentar o salário dos professores em 30%. Falsa solução. Soluções tecnológicas não substituem uma boa aula. Essa idéia de que o professor tem que inventar a sua própria aula é uma das coisas mais sinistras que pode haver. O professor precisa ter uma retaguarda fornecida com o que há de melhor já produzido pela humanidade em termos de material de ensino. As filantropias empresariais, na sua ânsia para melhorar a educação, começam a inventar moda. Não confundir disciplina com autoritarismo. Não há ensino se os alunos não estão quietos.

Nos Estados Unidos, com base em uma pesquisa, foi perguntado qual era o maior problema enfrentado pelo país em termos de educação? A resposta foi: "*o outro que está conversando e eu não posso aprender*". *Assembleísmo* substituindo autoridade legítima. Temos de aprender com quem faz a coisa certa da maneira certa. As soluções são simples. A tecnologia ajuda, mas não é a solução; a tecnologia é algo que serve para complementar e assessorar os caminhos do ensino.

Os professores sabem o conteúdo e aprenderam a dar aula, mas desconhecem as vozes além tímulo responsáveis pela teoria. Entretanto eles sabem dar aula, ensinaram a estes professores, nas faculdades de educação, a como

proceder diante dos alunos. Os currículos são claros, é preciso aprender uma gama de conteúdos. Há livros, os livros são bons e todo mundo os usa em todas as aulas. Na Finlândia, que é o primeiro lugar no Pisa, existem livros previamente adotados e usados em sala de aula. Existe avaliação permanente e essa avaliação gera um feedback. Há disciplina rigorosa. Minha filha estudou numa escola francesa quando tinha entre seis e doze anos. Não que o direito de se manifestar verbalmente fosse sonegado ao aluno, mas não era permitido que os estudantes se agitassem na cadeira durante a aula. Os franceses devem estar todos traumatizados por causa disso.

Reforma bem sucedida. É uma pesquisa de uma economista chamada Laura Randell, que escreveu um livro sobre os traços comuns que tinham as reformas educativas que deram certo. Algumas respostas e resoluções concretas da pesquisa: planejamento detalhado de currículo de aula. Autonomia para a escola. A escola faz do jeito que ela quiser, mas possui uma meta quantitativa, ela é avaliada e o resultado é cobrado. Ou seja, autonomia de execução e prestação de contas depois. O pai vigia o aluno para fazer o dever de casa. Os melhores professores devem estar alocados nos primeiros anos de escola na vida das crianças, e as piores escolas devem merecer atenção especial.

Pois bem, de que maneira chegaremos lá? Temos de perguntar onde é que estão os problemas, perguntar quais são os consertos, um assunto para pesquisadores com os pés no chão. Nem vôo intergaláctico e nem a escravidão ideológica. Uma vez feito isso, temos de explicar para a sociedade qual foi a conclusão que chegamos depois de mapearmos essas questões do ensino no país. O segundo passo é fazer com que a sociedade exija os consertos necessários, auxiliada por um marketing social. Quer dizer, temos que vender essa idéia. Quem tem clareza? Ninguém. Partidos e

governos estão apagando o fogo, prioridades ou fisiologismo. Ninguém tem os planos que tirariam o Brasil do pantanal: crise. Os pais acham a educação boa. Anunciaram que o Brasil estava em último lugar no Pisa, mas isso não foi capaz de gerar uma crise; a Alemanha chegou em 25º e está há cinco anos com crise na educação, todo mundo brigando com todo mundo e buscando modificar as leis de ensino do país germânico. Um doce idílio social. O sistema está em equilíbrio, o povo quer vagas nas escolas e as tem, o povo não insiste em qualidade e não tem qualidade, portanto, em que lugar a crise está? Onde foi que ela se escondeu? Ela parece não existir. Há demanda por vagas e oferta de vagas, mas, definitivamente, não há demanda por qualidade, portanto não há oferta de qualidade. É um sonho que flutua distante da realidade, mas está aquecendo os olhos por ser um sonho que antes não existia; o político está satisfeito, e as estratégias políticas imperam nas escolas e nas esferas da educação. Com isso, o sistema está em perfeito equilíbrio do ponto de vista da sua lógica política. Primeira regra para uma mudança estratosféricamente benéfica: agendar uma crise. Como é que eu posso convencer os pais de que a educação é precária e ruim? Sobretudo, no imbróglio de considerar que ela é melhor do que a educação que eles tiveram? A imprensa e as lideranças intelectuais necessitam ser atraídas, como fiapos de aço impelidos, lançados na direção de um ímã. Resolvido isso, o resto será fácil. O plano é notoriamente conhecido, simples, mas relegado: prioridade absoluta para o ensino fundamental. Currículo: ler, escrever, usar números e pensar. Este é o currículo. Princípio, meio e fim, está tudo aí. Metas claras, autonomia, avaliação severa. Preparar professores para darem aula, ensinando-os incansavelmente, como nadadores que, mesmo contra a maré, devem chegar à praia, até a areia, na brancura, na alvura

do conteúdo e do conhecimento. Saber tudo de cada aula por acontecer. Na aula de amanhã ensinarei raiz quadrada, ou proporção. Mas possuo, sumariamente, comigo o melhor método de ensinar raiz quadrada e proporção. Uma carreira com incentivo por desempenho e para ensinar nas séries iniciais. Escolha meritocrática de diretores e apoio especial às melhores escolas. Agora vem o ponto mais importante desse quimérico plano que brotou em minha mente, a parte mais importante de todas, tudo que foi dito nas breves linhas acima dessa que escrevo, é mais importante do que todas as outras linhas desse discurso, e é só isso e ao mesmo tempo é tudo. Não tem mais nada, nada, nada. Qualquer coisa que queira reivindicar o seu espaço nesse tema, acotovelando-se entre as minhas linhas anteriores, na intenção de somar-se a elas ou sobrepuja-las, vai estar atrapalhando, causando a dispersarão daquilo que é imperativo, fundamental para modificar para sempre e para melhor a educação no Brasil. Se tudo é prioritário, nada é mais prioritário do que apenas um foco, um único caminho que faz sentido: a qualidade perseguida a todo custo e imensurável do ensino básico. Terminado.